

# UMA LEITURA HISTÓRICA DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA E UMA PROPOSTA DE COMPREENSÃO DO SER HUMANO EM SEU CARÁTER ESSENCIAL: EXPERIÊNCIA ELEMENTAR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA

Yuri Elias Gaspar – UFMG  
Miguel Mahfoud – UFMG

## Resumo

A dificuldade hodierna de abordar o tema da experiência em sua unidade e complexidade baseia-se em pressupostos filosóficos modernos e contemporâneos. Desconsiderada enquanto categoria gnosiológica, a noção de experiência fragmenta-se, eliminando o sujeito ativo nesse processo. Este trabalho objetiva problematizar esse conceito e suas implicações no campo da Psicologia, bem como apresentar uma proposta que busca contemplar o ser humano em seu caráter essencial, denominada Experiência Elementar. Para isso, faz-se uma breve leitura histórica das formas de compreender a experiência até o momento em que ela perdeu seu papel central na compreensão do que é o homem, o que trouxe sérias consequências para a Psicologia, inviabilizando-a enquanto ciência da pessoa. A Fenomenologia questiona esse processo e traz contribuições como a redescoberta da unidade da experiência, a centralidade da pessoa e a relação eu-mundo que constitui toda ordem de experiência. Tais contribuições abrem caminho para a tematização da Experiência Elementar, que visa compreender a experiência a partir de um critério imante à estrutura originária humana e, com isso, presentifica a radicalidade, a unidade e a dinâmica próprias do ser humano. Com esses elementos, amplia-se o entendimento do trabalho psicológico, ao favorecer um relacionamento que permita um posicionamento autêntico do cliente tendo em vista sua realização pessoal.

**Palavras Chaves:** Conceito de Experiência, Fenomenologia; Experiência Elementar.

## Abstract

The current difficulty in dealing with the subject of experience in its totality and complexity is due to contemporary and modern philosophical presuppositions. Not respected as a gnosiological category, the notion of experience is fragmented, thus eliminating the active subject in the process. This aim of this study is to organize the problems that are involved with the concept of experience and to consider its implications for the field of Psychology, as well as present a concept called *Elementary Experience*, that contemplates the human being in its essential character. To achieve this, a brief historical review of the ways that experience has been understood, until the moment when it lost its central role in the understanding of what it is to be human, is presented. This loss has had serious consequences for Psychology, making it unviable as a science of the person. Phenomenology questions this process and offers contributions such as the rediscovery of the unit of experience, the centrality of the person and the I-world relationship that constitutes every order of experience. Such contributions open the way for the organization of the *Elementary Experience*, in themes that seek to understand experience from a criterion inherent to the original structure of the human being and, with this, renew its radicalism, totality and dynamics.. With these elements, the understanding of psychological work is amplified, favoring a relationship that permits an authentic positioning of the client with respect to his personal realization.

## INTRODUÇÃO

Uma triste constatação da cultura ocidental moderna tem sido a incontrolável deteriorização semântica de alguns termos de profunda significação da linguagem tradicional, dentre os quais destaca-se a “experiência”. (LIMA VAZ, 2000)

Desconsiderada enquanto categoria gnosiológica, fica evidente a simplificação e a fragmentação da concepção de experiência, situação sustentada por bases filosóficas modernas e contemporâneas.

Por vezes, o termo é caracterizado somente por seu conteúdo emocional, o que o reduz a um nível naturalista e imediatista, eliminando o sujeito ativo do processo. Em abordagens baseadas em pressupostos positivistas, a conceituação se limita ao experimentalismo, considerando experiência somente o que é passível de comprovação empírica, eliminando valores ou relacionamentos pessoais, ou seja, considerando-a apenas enquanto representação ou reação.<sup>1</sup>

Tais reduções trazem sérias conseqüências para a Psicologia, pois, a partir da dificuldade de encarar a complexidade desse termo, fica-se impossibilitado de compreender o fenômeno humano em sua unidade e totalidade, fragmentando o real e impondo um método inadequado ao objeto em questão.

HUSSERL (2002), em *A Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*, questiona os procedimentos que marcaram a desintegração do conceito de experiência na filosofia moderna, trazendo contribuições fundamentais a essa discussão. Situando-se no “seio de uma viragem epistemológica”, a Fenomenologia re-propõe a centralidade da experiência<sup>2</sup>, redescobrimdo o seu valor enquanto fonte originária do ser<sup>3</sup>.

É neste desafio de recuperar a unidade básica do fenômeno humano que emerge a noção de Experiência Elementar, termo cunhado por GIUSSANI (2000) para designar o núcleo de exigências e evidências originais que nos constituem e dão “força e tensão a cada gesto”. (GIUSSANI, 2000, p. 91)

Essa compreensão elementar do ser humano supera os reducionismos presentes no âmbito da Psicologia ao reconhecer um nível de experiência que se revela central, possibilitando uma elaboração crítica da ação do sujeito no mundo. Em relação ao trabalho psicológico, mostra-se fundamental conduzir um relacionamento que favoreça um posicionamento da pessoa em prol da realização de si.

## **UMA LEITURA HISTÓRICA DO CONCEITO DE EXPERIÊNCIA**

A dificuldade hodierna de abordar o tema da experiência em sua unidade e complexidade baseia-se em pressupostos filosóficos consolidados ao longo do tempo e que hoje se encontram disseminados na mentalidade comum. (GIUSSANI, 2004) Para melhor compreender as raízes dessa problemática atual, enfocando especialmente suas conseqüências para a ciência psicológica, faz-se necessário realizar uma leitura histórica desde a Antigüidade Grega e a Idade Média até o momento em que o processo de desarticulação moderna culminou em uma visão distorcida de encarar o real ao desconsiderar a centralidade e o valor da experiência na vida humana.

### **Antigüidade Grega do ponto de vista da valorização da formação integral**

---

<sup>1</sup> MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel. *A Pessoa como sujeito da experiência: um percurso na história dos saberes psicológicos*. Braga, Portugal: Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, 2005. 14f. Artigo apresentado ao Congresso Internacional de Filosofia Pessoa e Sociedade: perspectivas para o século XXI no dia 19/11. Mimeografado.

<sup>2</sup> MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. *A Pessoa como sujeito da experiência*. Braga, Portugal: Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, 2005. 8f. Artigo apresentado ao Congresso Internacional de Filosofia Pessoa e Sociedade: perspectivas para o século XXI no dia 19/11. Mimeografado.

<sup>3</sup> BERNAREGGI, P. *Conceito de pessoa*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2005. 9f. Conferência proferida em 24/10 no Ciclo de Conferências “Que é o ser humano?”. Não publicado.

A cultura grega clássica, a partir de uma série de transformações educativas e econômicas, desenvolveu-se seguindo um rumo político-pedagógico que permitiu a valorização da formação integral enquanto possibilidade de alcançar a verdadeira *arete*<sup>4</sup>.

Para que essa concepção se efetivasse, era fundamental refletir sobre a constituição ontológica do ser humano e, assim, a filosofia emerge e se consolida a partir dos ensinamentos de Sócrates, Platão e Aristóteles. Apesar das diferenças cruciais entre eles, suas investigações filosóficas se comprometiam com a totalidade do ser<sup>5</sup>, inserindo-se em uma perspectiva não fragmentada de compreensão da experiência.

Aristóteles, por exemplo, discutiu o tema em diversas obras, utilizando três termos<sup>6</sup> para indicar diferentes facetas de sua compreensão acerca da experiência. Enquanto categoria gnosiológica, a experiência é elaborada tendo em vista um complexo dinamismo psíquico que envolve desde a percepção, passando pelas potências psíquicas da recordação (memória), da imaginação, do pensamento e do “senso comum”<sup>7</sup>. Por fim, a experiência se constitui como uma unidade que transcende a multiplicidade das sensações e é a partir dela que surge a inteligência dos princípios. Mesmo sendo considerada importante etapa do processo de elaboração do conhecimento, as artes são mais elevadas. “Com efeito, a experiência serve ao homem para atestar que um certo fato ocorreu, mas não para definir o motivo de seu acontecer”<sup>8</sup>, função atribuída ao homem de arte.

### **Idade Média do ponto de vista da difusão de uma mentalidade unitária**

A Idade Média, a seu modo, estava comprometida com a educação integral, difundindo uma mentalidade unitária do real, situada num horizonte último de significação da vida: Deus.

Com efeito, a cultura medieval favorecia a formação de uma mentalidade marcada por uma religiosidade autêntica, determinada por uma imagem de Deus como horizonte abrangente de toda e qualquer ação humana, por uma concepção de Deus como pertinente a todos os aspectos da vida, (...) como ideal unificante. (GIUSSANI, 2004, p. 56)

Dessa forma, acontecimentos aparentemente contraditórios como o franciscanismo e as Cruzadas são justificados a partir de tal maneira de compreender o mundo. (GIUSSANI, 2004)

Neste clima de abertura para a totalidade, pensadores da época começaram a utilizar argumentos racionais para sustentar a fé cristã, o que proporcionou a elaboração de tratados filosóficos à serviço de uma teologia comprometida com o ser humano como um todo.

É na obra agostiniana que se encontra uma discussão sistematizada sobre experiência, que perpassará toda a cultura medieval em seus planos filosófico, teológico e místico. Para AGOSTINHO (1994), o ponto de partida da elaboração do processo intelectual é o conhecimento experiencial que a alma tem de si própria. Baseada inicialmente em termos de conhecimento sensorial, a experiência implica também uma complexidade que envolve basicamente dois processos da alma – o pensar e o saber – embora trate-se “de uma apreensão unitária de todo esse dinamismo”<sup>9</sup>. Pensar envolve um exercício intelectual e um amor pelo objeto, ao passo em que saber algo abarca não só o entendimento, mas também a liberdade, a

---

<sup>4</sup> Para compreender as raízes da cultura grega, ver JAEGER, 1995

<sup>5</sup> OLIVEIRA, M. A. *Subjetividade e Totalidade*: um confronto com as antropologias contemporâneas. Braga, Portugal: Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, 2005. 15f. Conferência proferida em 19/11 no Congresso Internacional de Filosofia Pessoa e Sociedade: perspectivas para o século XXI. Mimeografado.

<sup>6</sup> *Aisthesis* indica sensação, sentimento e intuição; *empeiria* indica experiência no sentido de habilidade e prática; *peira* indica prova e experimento. (FABRIS, 1997)

<sup>7</sup> O “senso comum” se refere à “capacidade geral de sentir à qual é atribuída a função de constituir a consciência da sensação (ou seja de ‘sentir o sentir’) e de perceber as determinações sensíveis comuns aos vários sentidos” (Massimi e Mahfoud, 2005, f. 2)

<sup>8</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 2

<sup>9</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 4

vontade, os afetos e a sensibilidade. Por fim, segundo ele, experienciar é conhecer com a alma em sua inteireza o “Verbo de Deus”.<sup>10</sup>

Tomás de Aquino retoma a visão agostiniana sobre o conhecimento experiencial de Deus, afirmando que se trata de um “conhecimento saboroso” guiado pelo amor. Em outros momentos, Tomás reporta-se ao termo no sentido aristotélico de conhecimento sensorial, incluindo não só os sentidos externos, mas também quatro sentidos internos: fantasia, cogitativa, memória e senso comum.<sup>11</sup>

### **Modernidade do ponto de vista de uma fragmentação do real**

No decorrer do século XIV, iniciou-se um processo de desarticulação da mentalidade medieval unitária. (GIUSSANI, 2004)

Uma série de fatores contribuíram para tal situação, dentre os quais destaca-se a difusão de maior bem-estar na sociedade, que proporcionou ambiente favorável à valorização do lado instintivo do ser humano, faceta que aos poucos se ideologiza. Os valores cristãos apregoados até ali passaram a ser considerados somente num campo puramente teórico.

A noção de experiência unitária e complexa fragmentou-se numa multiplicidade sem um eixo organizador que considerasse a totalidade do ser no mundo. Com isso, o centro do universo tornou-se o próprio homem que, voltado para si mesmo, considera o sucesso em uma dimensão específica da existência o seu ideal de vida, não importando qual seja tal dimensão ou os meios utilizados para alcançar esse sucesso. Nesse sentido, o Humanismo forneceu o suporte cultural ao “perfil de uma unidade em via de desagregação”. (GIUSSANI, 2004, p. 67)

Essa mentalidade introduziu na época renascentista um otimismo extremado nas capacidades do homem e levou à identificação da natureza (entendida de forma panteísta) como fonte de toda a energia humana. O critério de valores passou a ser definido pelos impulsos naturais, mesmo se estes não fossem adequados às normas morais estabelecidas. (GIUSSANI, 2004)

A exaltação da natureza levou o homem a querer desvendá-la. Assim, assistiu-se a um surto de descobertas de leis naturais, alimentando o entusiasmo no poder da razão, considerada única faculdade humana com que se poderia compreender e manusear o real. Portanto, a razão tornou-se a medida de todas as coisas e, fora dela, “nada pode ser pensado ou realizado, a não ser desqualificando-o como digno dos aspectos inferiores do homem”. (GIUSSANI, 2004, p. 86)

Essa visão de mundo gerou uma nova concepção de conhecimento. “Se a concepção tradicional baseava-se no pressuposto de que o real se revela por si mesmo, sendo as faculdades humanas adequadas para reconhecê-lo e recebê-lo”<sup>12</sup>, a Modernidade desconsiderou esse fato, passando a se debruçar sobre o chamado problema crítico: a questão da possibilidade da verdade no conhecimento.<sup>13</sup>

É nesse contexto que se encontram grandes precursores da Idade Moderna – como Galileu e sua interpretação matematizante da natureza, Hobbes e sua doutrina da subjetividade segundo a qual os fenômenos existiriam apenas nos sujeitos e Descartes e sua dúvida metódica que coloca a razão, e não a realidade, como fonte de certeza – abrindo o caminho para a objetivação do sujeito humano, apontada por Husserl como a raiz da crise que atinge a racionalidade ocidental. (HUSSERL, 2002)

Vê-se difundir na atividade filosófica uma desvalorização do significado e do valor da experiência tal como compreendido pela tradição ocidental até então. O termo “passa a designar a concepção do real que o homem elabora através dos métodos de conhecimento escolhidos para tanto, dentre os quais, o mais fidedigno é o experimento científico”.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Ibid., f. 7

<sup>13</sup> Bernareggi, 2005, f. 1

<sup>14</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 7

Esta posição se fortalece com a filosofia positivista de Comte e Spencer, “para os quais a ciência é o único saber que permite apreender a experiência de modo unificado”.<sup>15</sup>

Apesar do surgimento de movimentos filosóficos que questionaram as idéias positivistas na primeira metade do século XX, o racionalismo, o cientismo e a exaltação de aspectos particulares da realidade humana difundem-se e passam a dominar o espírito da época. (GIUSSANI, 2004)

Em algumas filosofias contemporâneas – que sustentam determinados saberes psicológicos atuais – ainda se encontram posturas reducionistas de encarar a experiência humana em sua totalidade. Destacam-se três correntes: Fisicalismo, Filosofias da Finitude e Pragmatismo.<sup>16</sup>

No Fisicalismo, a experiência é compreendida sob uma ótica naturalista. Em outras palavras, a subjetividade se reduz a entidades ou processos físico-materiais que não determinam em nada a realidade.

As Filosofias da Finitude partem do pressuposto de que se deve pensar a realidade, a consciência e a inserção do ser no mundo como sistemas abertos, sem unidade interna. Apesar das diferenças cruciais entre os autores dessa postura filosófica, existe um ponto comum: “nossa compreensão do mundo não é um produto nosso, mas antes algo que ocorre em nós”.<sup>17</sup>

Para o Pragmatismo, a análise semântica de expressões lingüísticas constitui-se como fundamento de sua teoria do conhecimento. Verifica-se a primazia da linguagem, num primeiro momento valorizando sua função de apresentação e, posteriormente, reduzindo-a a pura comunicação social. Toda relação sujeito-objeto é lingüisticamente mediada, o que leva à “tese de que o conhecimento humano é antes de tudo um entendimento intersubjetivo”<sup>18</sup>, não existindo, portanto, uma metafísica, um fundamento primeiro ou último.

### **Psicologia Moderna e redução da experiência**

Em um clima de valorização do método científico e do conhecimento por ele gerado, a Psicologia Moderna surge como saber sistematizado que se separa da filosofia e da fisiologia. A partir daí, procura estabelecer-se segundo os moldes paradigmáticos das demais ciências naturais, adotando, sem restrições, o experimentalismo como metodologia de trabalho. (ALES BELLO, 2004)

Considerado fundador da Psicologia moderna, Wundt vê na experiência – concebida segundo pressupostos empiristas e positivistas – o objeto de estudo que embasa essa nova ciência.

Em suma, (...) a concepção wundtiana de experiência elimina de sua gênese a relação entre sujeito e objeto do conhecimento procurando superar a visão da Psicologia filosófica tradicional em que a relação sujeito-objeto acarreta a presença do sujeito ativo na elaboração da experiência.<sup>19</sup>

Assim como Wundt, James, importante autor da Psicologia, considera a ciência psicológica como fundamento da teoria do conhecimento. Assim, “o sujeito, concebido como mero receptor biológico passivo das influências do meio ambiente, é negado em seu ser pessoal”.<sup>20</sup>

Ao assumir essa postura reducionista de encarar o ser humano, grande parte do conhecimento em Psicologia se desenvolve impondo métodos inadequados à complexidade que o tema requer, fragmentando dimensões da experiência que tradicionalmente foram concebidas

---

<sup>15</sup> Ibid., f. 8

<sup>16</sup> Oliveira, 2005, f. 1

<sup>17</sup> Ibid., f. 1

<sup>18</sup> Ibid., f. 6

<sup>19</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 10

<sup>20</sup> Ibid., f. 11

de modo unitário.<sup>21</sup> A tentativa de objetivação da experiência acaba por torná-la confusa e obscura,<sup>22</sup> influenciando a qualidade do trabalho psicológico:

há uma forte crítica à maneira com a qual temos feito Psicologia, porque frequentemente privilegiamos modelos de homem a ele mesmo; fixamo-nos em um aspecto preferido, definindo todo o homem por aquele aspecto que mais gostamos, ou que nos interessa ideologicamente afirmar. Assim, a abertura para a totalidade se perde, comprometendo o resultado do conhecimento científico; ao mesmo tempo que a exigência de realização se confunde, comprometendo o dinamismo propriamente humano tanto da pessoa atendida quanto do próprio psicólogo.<sup>23</sup>

## UMA NOVA PROPOSTA DE COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA

### Contribuições da Fenomenologia

Ao questionar os fundamentos filosóficos da cultura ocidental, Husserl supera o caminho crítico iniciado por Brentano no que se refere ao conceito de experiência.<sup>24</sup>

Para analisar a experiência do ponto de vista gnosiológico, Husserl parte do mundo-da-vida, “e as experiências mais básicas desse mundo tornam-se substrato para elaboração de toda ordem de experiência.”<sup>25</sup> A evidência originária da experiência em sua modalidade unitária – cujo horizonte está sempre aberto ao desconhecido – emerge enquanto pressuposto seja do conhecimento científico, seja do conhecimento concreto do dia-a-dia.<sup>26</sup>

Nesse sentido, a Fenomenologia redescobre o valor da experiência, na qual se identifica tanto um nível passivo do sujeito que sofre impacto da presença do mundo, quanto um nível caracterizado pela presença ativa do sujeito, que elabora tal impacto buscando apreender a presença do mundo.<sup>27</sup>

Cabe à Fenomenologia Transcendental investigar os elementos essenciais da experiência, objetivando colher a estrutura transcendental do ser humano. A partir daí, pode-se compreender a pessoa em sua especificidade e nos relacionamentos intersubjetivos, função esta referente à Psicologia científica. “Nesta perspectiva, o psicologismo é superado, pois não se parte da Psicologia para fundamentar a filosofia, mas parte-se da filosofia para fundamentar a Psicologia.”(ALES BELLO, 2004, p. 127)

Assim, a Psicologia se ocupa de parte da experiência natural, denominada “experiência psíquica” (HUSSERL, 2000). É nela que se evidencia “um sujeito espiritual ligado a uma corporeidade natural: o sujeito pessoal, no sentido lato.”<sup>28</sup> Esse nível de experiência subtende um juízo acerca do que foi vivenciado, o que lhe confere perenidade. (HUSSERL, 1995)

A ciência psicológica procura apreender o que é propriamente essencial do *eu* em ação no mundo-da-vida da qual têm consciência. Ela “compreende todo o mundo espiritual, tematiza todas as pessoas e seus gêneros, todas as operações pessoais em suas formações culturais.”<sup>29</sup>

Edith Stein contribui para esta discussão, indicando um delineamento para a Psicologia enquanto ciência da pessoa<sup>30</sup> ao ressaltar a centralidade da dimensão espiritual na experiência humana. Ela demonstra a existência de um núcleo pessoal no qual o eu examina todos os

---

<sup>21</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 1

<sup>22</sup> Mahfoud e Massimi, 2005, f. 2

<sup>23</sup> MAHFOUD, M. *Experiência Elementar em Psicologia*. 2005. Não publicado.

<sup>24</sup> Massimi e Mahfoud, 2005

<sup>25</sup> Mahfoud e Massimi, 2005, f. 3

<sup>26</sup> Massimi e Mahfoud, 2005, f. 12

<sup>27</sup> Mahfoud e Massimi, 2005

<sup>28</sup> Ibid., f. 3

<sup>29</sup> Ibid., f. 7

<sup>30</sup> Para STEIN (1999, p. 323) *pessoa* “é o sujeito da vida espiritual, centro de ações qualitativamente determinado em modo único em seu gênero”.

âmbitos da vida e compara com a própria experiência. Assim, em tudo o que experiencia, faz também experiência de si mesmo. (STEIN, 2000)

### Experiência Elementar

As contribuições da Fenomenologia à questão da experiência abrem caminho para reconsiderar o sujeito humano em seu caráter essencial.

Trata-se de adotar uma metodologia que evidencie uma experiência original, “que constitui o meu rosto ao confrontar-me com tudo”. (GIUSSANI, 2000, p. 24) Para isso, é preciso realismo: “tenho a intenção de referir-me à urgência de não privilegiar um esquema que já tenhamos em mente em detrimento de uma observação global, apaixonada e insistente do fato, do acontecimento real”. (GIUSSANI, 2000, p. 20)

Essa postura objetiva considerar a totalidade dos fatores, contemplando a dinâmica interna que mobiliza as pessoas a observarem determinado fenômeno. O método de trabalho guiado pelo realismo é imposto pelo próprio objeto em questão.

Para se chegar a um conhecimento fundante do ser humano, faz-se necessário uma investigação existencial. Este processo demanda interesse e moralidade por parte do investigador, pois o conhecimento evidenciado será mais autêntico na medida em que faça sentido para quem procura conhecer. Então, é fundamental considerar o objeto como ele verdadeiramente é, sem apego a opiniões preconcebidas. (GIUSSANI, 2000, p. 51)

Experienciar é justamente captar o sentido daquilo que se procura investigar, emitindo um juízo sobre o encontrado:

A experiência coincide, certamente, com ‘provar’ alguma coisa, mas coincide sobretudo com o juízo dado a respeito daquilo que se prova. ‘A pessoa é, antes de tudo, consciência. Por isso, o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer, estabelecer relações com a realidade como fato mecânico; (...) o que caracteriza a experiência é *compreender* uma coisa, descobrir-lhe o sentido. A experiência implica, pois, a inteligência do sentido das coisas. (GIUSSANI, 2000, p. 23)

Realizar uma investigação existencial significa dar atenção à experiência, colher o significado para si daquilo que se está vivenciando.<sup>31</sup> Experienciar não equivale às reações emocionais, como muitas vezes considera o pensamento moderno, mas sim refere-se ao posicionamento da pessoa.<sup>32</sup>

Conseqüentemente, emitir um juízo exige um critério com o qual seja efetuada uma avaliação que mobilize um dinamismo propriamente humano. Se tal avaliação basear-se em princípios externos, a elaboração do vivido se perde, pois o sujeito não se reconhece nela.

Nesse ponto, o impacto com o real implica um movimento ativo que exige posicionamento a partir de um critério interno que nos é dado, algo imanente à estrutura originária da pessoa, sendo denominado Experiência Elementar: “Trata-se de um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe”. (GIUSSANI, 2000, p. 24)

A noção de Experiência Elementar presentifica a radicalidade, a unidade e a dinâmica própria da experiência humana.

As evidências remetem aos fatos que têm sentido quase que por si mesmos. Pode-se elencar duas características básicas: que a realidade concreta, finita e relativa é dada, independente da vontade humana, e que tal realidade está envolta num horizonte último, totalizante.<sup>33</sup>

“O homem afirma verdadeiramente a si mesmo somente quando aceita o real” (GIUSSANI, 2000, p. 28), mas aceitá-lo implica se perguntar sobre o sentido de tudo, sempre reconhecendo que há algo além.

---

<sup>31</sup> Mahfoud, 2005, f. 3

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> Bernareggi, 2005, f. 3

A “capacidade de dar-se conta do real segundo a totalidade de seus fatores” é atribuída à razão humana, sendo razoável aquela posição que “coincide com a atuação do valor da razão ao agir”. (GIUSSANI, 2000, p. 31) Ela se mostra como instrumento (e não um fim em si) que possibilita acolhimento diante do impacto com a vida.

A razoabilidade se apresenta como exigência estrutural do homem, não estando desvinculada da unidade do eu. As demais exigências, de beleza, de bem, verdade, de justiça, de felicidade, de amor, dentre outras, fundamentam e norteiam – cada qual com sua especificidade – a atuação do homem no mundo, inserindo-o na concretude da vida e nessa abertura à totalidade.

Seja como for, são como uma centelha que põe em ação o motor humano; antes delas não ocorre nenhum movimento, nenhuma dinâmica humana. Qualquer afirmação de uma pessoa (...) só pode ser feita tendo por base esse núcleo de evidências e exigências originais. (GIUSSANI, 2000, p. 24)

A questão do sentido emerge então a partir do momento em que se reconhece a exigência que se manifesta na vivência, utilizando-se de um crivo que ordene as demais dimensões humanas e permita uma elaboração profunda. (GIUSSANI, 2000)

Embora traduzida e realizada de modos diversos, a Experiência Elementar traz em si um caráter universal e estrutural do ser humano. É nesse ponto nuclear que a experiência mostra o seu valor, pois a pessoa se maravilha enquanto ser neste nível de expressão, tentando imprimir à realidade algo de que tem exigência. Portanto, a Experiência Elementar é a base de todo contato do humano no mundo, especialmente nos relacionamentos em que há um cuidado com o ser do outro. (GIUSSANI, 2000)

Experiência Elementar: algo que tende a indicar de maneira acabada o ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela por meio da realização de um projeto que imprima à própria realidade a imagem ideal que o estimula interiormente. (GIUSSANI, 2000, p. 26)

### **Experiência Elementar e intervenção psicológica**

A concepção de Experiência Elementar mostra-se fundamental para a Psicologia na medida em que considera a unidade e a dinâmica da experiência humana, abrindo caminho para o reconhecimento do ser pessoal e da realização de si baseada em critérios radicais.

Não se trata de criar, mas de reconhecer a dinâmica que é própria do humano e nos sintonizarmos com ela. Trabalhamos para acompanhar essa dinâmica, favorecê-la. Ela pode ser orientadora também para a nossa atuação, nossa presença no relacionamento. A experiência tem uma dinâmica própria (...). Não é questão de decidir o que fazer da vida (...). Nós reconhecemos uma direção que a vida tem. (...) Não é opção, é constituição.<sup>34</sup>

É essencial em qualquer intervenção psicológica respeitar e compreender o ser do outro, facilitando o surgimento de uma dinâmica que se revela na comparação das vivências com as exigências que traz consigo, colhendo a riqueza da experiência onde brota a unidade.

Ao colocar-se presente na relação, o psicólogo percebe com mais nitidez o movimento da pessoa e tem mais capacidade de pontuar elementos que a auxiliam na elaboração da própria experiência. “Quando tocamos esse ponto, uma direção aparece – trata-se de reconhecer”.<sup>35</sup>

Portanto, não se trata de administrar situações de conflito, mas propiciar a emergência de posicionamentos reais tendo em vista as próprias exigências, permitindo que a pessoa torne-se mais si mesma e vislumbre novos caminhos.

Nosso objetivo não é tanto o de eliminar o sofrimento, quanto possibilitar uma maneira humana de enfrentá-lo. Quando podemos

---

<sup>34</sup> Mahfoud, 2005, f. 13

<sup>35</sup> Mahfoud, 2005, f. 16



dizer que a intervenção teve êxito? Quando a pessoa é mais sujeito diante de suas vivências e de seu mundo. (...) No cerne do que é humano há uma maneira vitalizada (porque é própria do nosso ser) de enfrentar inclusive as insatisfações. Mobilizada essa experiência, a pessoa tem condições de utilizar seus recursos psicológicos de um modo mais integrado.<sup>36</sup>

Quando se acompanha o outro neste nível de relacionamento, o profissional naturalmente maravilha-se diante da qualidade da elaboração que emerge, porque toca numa estrutura universal, constituinte. Por tudo isso, é fundamental ao psicólogo estar integrado e consciente de sua própria experiência, tendo claro o que interessa mobilizar no outro.<sup>37</sup>

## CONCLUSÃO

A partir da análise histórica do conceito de experiência, observa-se que a desvalorização desse termo no atual contexto cultural, em especial no âmbito da Psicologia, é fruto de um processo moderno de fragmentação do real e desintegração da complexidade e unidade própria do ser pessoa.

Ao privilegiar modelos de homem a ele mesmo, desarticula-se a unidade original que a própria experiência evidencia, desconsiderando assim a abertura à totalidade inerente a cada processo humano, o que compromete o cuidado consigo mesmo e com os relacionamentos.

A vida é uma trama de acontecimentos reais que impacta o homem, pedindo uma resposta, um posicionamento verdadeiro diante desta presença. Nesse sentido, as contribuições trazidas pela Fenomenologia e a proposta conceitual de Experiência Elementar possibilitam o reconhecimento de um critério interno e constituinte com o qual se pode julgar a própria experiência e permitem a superação de reducionismos tão frequentes na maneira como o homem tem encarado o mundo e a si mesmo. Desta forma, cabe à Psicologia reconsiderar a radicalidade e o valor da experiência, a fim de que se faça um trabalho que possibilite uma realização pessoal.

## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *A Trindade*. 2 ed. Tradução de F. A. Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

FABRIS, A. Esperienza e mistica. In: MOLINARO, A.; SALMAN, E. *Filosofia e mistica: itinerari di un progetto di ricerca*. Roma: Pontificio Ateneo Sant'Anselmo, 1997. cap. 1. p. 13-28.

GIUSSANI, L. *O Senso Religioso*. Tradução de P. A. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Por que a Igreja*. Tradução de N. Oliveira e D. Cordas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale: per un sapere umanistico*. Tradução de E. Filippini. Milano: Net Tascabili, 2002.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia e teoria della conoscenza*. Tradução de P. Volonté. Milano: Bompiani, 2000.

\_\_\_\_\_. *Esperienza e giudizio: ricerche sulla genealogia della logica*. Tradução de F. Costa e L. Samonà. Milano: Bompiani, 1995.

---

<sup>36</sup> Ibid., f. 20

<sup>37</sup> Ibid.

JAEGGER, W. W. *Paideia: a formação do homem grego*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMA VAZ, H. C. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

STEIN, E. *La struttura della persona umana*. Tradução de M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica*. 2 ed.. Tradução de A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.